



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

ALINE DA ROCHA SOUZA

FESTA D'AJUDA NA CIDADE DE CACHOEIRA-BAHIA

Cachoeira - BA
2016

ALINE DA ROCHA SOUZA

FESTA D'AJUDA NA CIDADE DE CACHOEIRA-BAHIA

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Museologia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Luydy Abraham Fernandes.

Cachoeira - BA
2016

ALINE DA ROCHA SOUZA

FESTA D'AJUDA NA CIDADE DE CACHOEIRA - BAHIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Museologia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em 28 de janeiro de 2016.

Banca Examinadora


Prof. Dr. Henry Luydy/Abraham Fernandes (orientador)
Doutorado em Antropologia – UFBA


Prof.ª Ms. Rita de Cássia Salvador de Sousa Barbosa
Mestrado em História – UFBA


Bel. Jomar Lima da Conceição
Graduação em Museologia – UFRB
Gerente Técnico da Fundação Hansen Bahia

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão ao grande Arquiteto do Universo, por todas as vezes que elevei meus pensamentos aos céus e minhas energias foram renovadas.

Obrigada a minha família: ao meu esposo Alberto Raimundo Rangel Souza, por toda a paciência, amor e companheirismo, aos meus filhos Andréia da Rocha Souza, Bruno da Rocha Souza e Carolina da Rocha Souza por todo o incentivo e apoio, ao meu neto Pedro Paulo Souza de Azevedo por todo o carinho.

A minha amiga Denise Pereira dos Santos, por ser apoio presente.

Ao meu querido mestre orientador Luydy Abraham Fernandes, pela contribuição decisiva na minha formação profissional.

Aos meus mestres, colegas e amigos, meu muito obrigado!

SOUZA, Aline da Rocha. *A Festa D'Ajuda na Cidade de Cachoeira - Bahia*. 54 f, il 2016. Monografia (Graduação) - Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2016.

RESUMO

Este trabalho fala sobre os festejos em Louvor a Nossa Senhora D'Ajuda em Cachoeira Bahia, e está inserido na área da documentação museológica. A Festa de Nossa Senhora D'Ajuda é uma importante comemoração católica que acontece no mês de novembro, e é um exemplo da importância cultural local no cenário das manifestações religiosas brasileiras. O objetivo da pesquisa é descrever as tradições da festa buscando demonstrar momentos específicos e tradicionais, bem como os aspectos culturais que ligam os cachoeiranos com essa festa. Para isso foi feito uso de fontes escritas e orais, buscando a ligação entre memória coletiva e o patrimônio cultural, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento da cultura local, para revitalizar antigas tradições no sentido de preservar essa importante tradição local.

Palavras-chave: Festa D'Ajuda, Memória, Tradição.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Mapa de Cachoeira.....	9
Figura 2: Nossa Senhora D’Ajuda.....	24
Figura 3: Mandu.....	26
Figura 4: Cabeçorra.....	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I CONTEXTO HISTÓRICO	
História e Fundação da cidade de Cachoeira Bahia.....	9
CAPÍTULO II CONCEITOS	
2.1 Conceito de Documentação Museológica.....	15
2.2 Patrimônio Imaterial.....	16
2.3 História Oral.....	18
CAPÍTULO III A FESTA D’AJUDA NA CIDADE DE CACHOEIRA	
3.1 A História da Festa.....	20
3.2 O Sagrado e o Profano.....	24
3.3 Momentos Específicos da Festa.....	26
3.4 A Festa vista pela comunidade.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	
Anexo 1: Imagens da Festa.....	37
Anexo 2: Entrevistas.....	42
Anexo 3: Questionários.....	47

INTRODUÇÃO

Pensar no recôncavo baiano é refletir sobre um lugar de memórias, marcado pela colonização portuguesa, em que apresenta diversas representações de teor artístico e histórico, sendo que estas representações se relacionam tanto no patrimônio tangível quanto intangível.

Dentro desse contexto, o objeto de estudo é a tradicional Festa D’Ajuda, sendo desenvolvido na cidade de Cachoeira na Bahia, um dos principais municípios do recôncavo, cidade detentora de uma das mais ricas manifestações culturais influenciada pela miscigenação do europeu, do índio e do africano.

Através das pesquisas realizadas sobre a Festa D’Ajuda, percebemos a relação do homem com o patrimônio imaterial e que os bens culturais que compõem o patrimônio, são instrumentos de conhecimento, permitindo aos indivíduos se identificarem como componentes de um grupo, de uma cultura e de uma sociedade.

A capela em devoção a Nossa Senhora D’Ajuda foi o primeiro templo religioso construído na cidade cachoeirana, sendo que inicialmente era designado para devoção à Nossa Senhora do Rosário, sendo posteriormente usada para a devoção a padroeira dos senhores de engenhos.

A Festa D’Ajuda que é comemorada sempre no mês de novembro, teve início ainda no período colonial, e atualmente é uma das mais significativas manifestações culturais religiosas da cidade, que se divide em ocasiões específicas, Mirceia explica que “toda festa religiosa, todo tempo litúrgico representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, nos ‘primórdios’” (ELÍADE, 1992)

A pesquisa foi traçada a partir de parâmetros embasados na documentação museológica, e tem como objetivo principal documentar a Festa D’Ajuda em Cachoeira. O presente trabalho foi dividido em três capítulos e considerações finais, sendo utilizados como recursos para a pesquisa: entrevistas, questionários, registros fotográficos e logicamente fontes bibliográficas. Assim no primeiro capítulo é apresentada a história da cidade cachoeirana, mostrando sua trajetória secular desde sua fundação e seu desenvolvimento econômico. O segundo capítulo apresenta os termos básicos sobre a documentação museológica, a relação do homem com o patrimônio imaterial em que a museologia

passa a se preocupar com o cultural, integrando o homem ao seu patrimônio entendendo a relação entre memória e história oral. O terceiro capítulo descreve os festejos e sua relação com os indivíduos que participam dessa tradição secular em Cachoeira. Finalizamos este trabalho com as considerações finais onde apresentamos a conclusão da pesquisa.

CAPITULO I: CONTEXTO HISTÓRICO

História e Fundação da cidade de Cachoeira Bahia

Na Baía de Todos os Santos, no meio da costa brasileira, onde deságuam rios navegáveis como o Subaé, Jaguaribe e Paraguaçu os portugueses fundaram ainda no século XVI a sede do governo colonial. Na região do recôncavo, encontraram grandes facilidades para a instalação de lavouras de cana-de-açúcar em virtude do terreno massapé e da experiência trazida das Açores e Madeira. Conforme a publicação feita pelo Jornal do Paraguaçu (Novembro, 1997), o movimento de colonização portuguesa junto com a lavoura açucareira, renderam altos lucros para a coroa.

A região foi desbravada em meados do século XVI, mas o povoado nascido em torno de um engenho de açúcar somente começou a crescer no século seguinte. Durante esse período foram instalados na região do Recôncavo Baiano vários engenhos. A região cachoeirana antes habitada por índios Maracás foi fundada como Freguesia de Nossa Senhora do Rosário por causa das famílias portuguesas de Dias Adorno e Rodrigues Martins que começavam a assentar povoação.

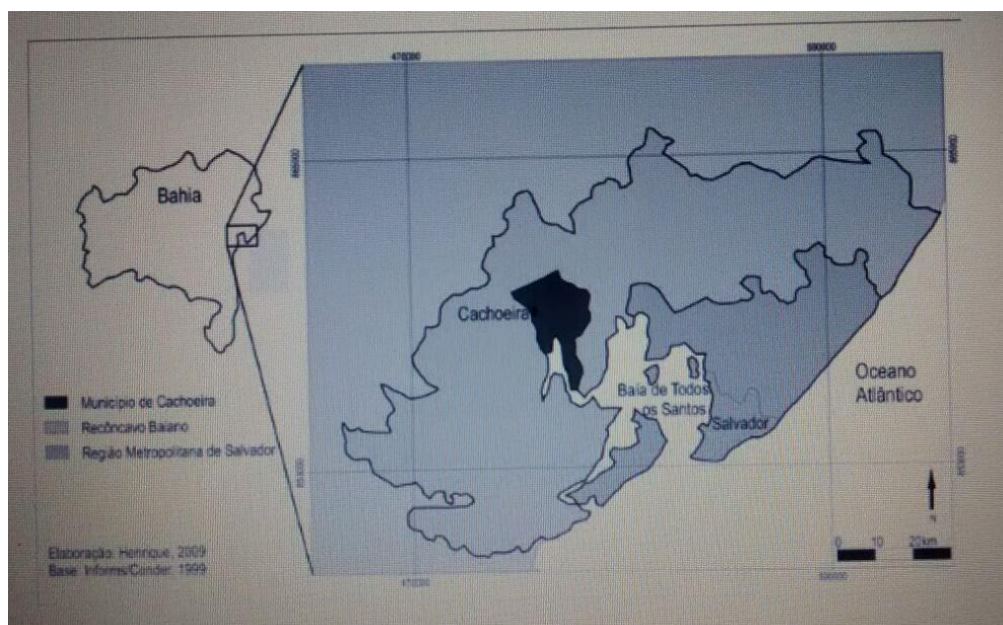


Fig 1. Mapa de Cachoeira

Fonte: www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/viewFile/3570/2631

(...) A Bahia região primitivamente habitada pelos índios Maracás, guerreiros valentes, pertinazes na luta e seguros no golpe. Assim considerados devido a um instrumento de guerra que usavam e do qual nunca se separavam e que consistiam em um cilindro oco, de madeira leve e fina, cheio de pedras miúdas nas duas extremidades. (www.cidades.ibge.gov.br/painelhistorico)

Vale ressaltar o papel desempenhado pelos Dias Adornos na formação de Cachoeira. Paulo Dias Adorno foi o desbravador das terras que originaram a primeira povoação que daria início a Vila de Nossa Senhora do Porto de Cachoeira.

D. Duarte da Costa, ao assumir o 2º governo geral do Brasil, em 1553, veio com instruções do reino de Portugal para incentivar imediatamente a cultura da cana-de-açúcar. E nesse mesmo ano, D. Duarte da Costa, visando dar cumprimento as instruções recebidas, fez a divisão das capitanias, dando a seu filho D. Álvaro da Costa a capitania do Paraguaçu, que posteriormente dividiu-se em sesmarias, e, entre elas as terras situadas as margens do Rio Paraguaçu, dadas a Paulo Dias Adorno. (MELLO, 2001, p. 13)

Segundo consta no livro ‘Catarina do Brasil’ de Olga Obry (1945) o casamento de Paulo Dias Adorno foi oficializado por Frei Diogo de Sabre, que veio em expedição de Martin Afonso de Souza, cuja frota saiu de Portugal em 1531 e só chegou à Bahia em 1532. Paulo Dias Adorno, em razão do seu parentesco com Caramuru, através do seu casamento com sua filha, descendente de tupinambá, conseguiu manter uma convivência pacífica com os nativos, enquanto vivia em sesmaria, onde primeiro construiu a casa da fazenda, as senzalas, os curais, o engenho, e por último a Rua do Pasto, que hoje se chama Rua JJ Seabra.

Através de sucessivas viagens, Paulo Adorno ia trazendo escravos oriundos de Guiné, Congo e Angola, acreditava-se que acima de 150 homens, pois só o engenho necessitava de 50 homens, e o restante era empregado nas plantações e nos serviços caseiros (MELLO, 2001).

No século XVIII seria a vez de Antonio Rodrigues Adorno grande propulsor do desenvolvimento de Cachoeira. O capitão João Rodrigues Adorno construiu o primeiro trecho de cais de grande importância para o embarque das nossas riquezas, e foi ele o doador das terras para a construção das Igrejas da Ordem Terceira do Carmo e Nossa

Senhora do Carmo, foi também um dos beneméritos da Santa Casa de Misericórdia, além de instalar um engenho e um alambique (MELLO, 2001).

Logo em 1606 um agrupamento de índios, situado estrategicamente no ponto final das águas navegáveis do Rio Paraguaçu exigiu que a freguesia fosse elevada a categoria de vila. Assim a freguesia de Nossa Senhora do Rosário foi elevada a condição de Vila em 1693, onde em 7 de janeiro de 1698 descrita no Primeiro livro da comarca, em que foi desembargada por Estevão Ferraz de Campos como consta no termo da Criação da Vila de Cachoeira por ordem do El-Rei.

Ainda no século XVIII no ano de 1782, ocorreu um fato de grande repercussão na então Vila de Cachoeira: a descoberta de uma mina de cobre, na freguesia do Iguape, local denominado de ‘Momacabo’ nas terras pertencentes ao capitão Antônio Gonçalo Aguiar e Souza (SOUTHEY, 1862).

No século XVIII como ponto obrigatório das vias fluviais e terrestres, a cidade passava por um grande desenvolvimento impulsionado pelo alto preço do açúcar e pelo ouro do Rio das Contas. O fumo das cidades vizinhas e os diamantes das cidades de Mucugê e Lençóis logo entraram na pauta de exportação. No início do século XIX Cachoeira vivia sua fase áurea, abrindo as portas para a entrada triunfal da cidade na história nacional. Já conhecida como Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira do Paraguaçu, logo se tornou a vila mais rica e populosa de todo o país, sendo um dos municípios mais extensos da Bahia, de onde se desmembraram diversos outros como Castro Alves, Santa Terezinha, Conceição de Feira e São Gonçalo dos Campos.

Praça comercial, cuja intensidade surpreende, é a grande Vila o ponto convergente de toda produção agrícola do interior. (...). (JUNIOR apud MELLO, 2001, p. 46)

Conforme Milton Santos (SANTOS, 1959) para a economia do recôncavo o Rio Paraguaçu teve importância histórica, uma vez que boa parte do abastecimento da cidade de Salvador até o século XIX era feito através do porto da cidade de Cachoeira. Três estradas reais faziam da então Vila de Cachoeira a maior encruzilhada do Brasil: a de Muritiba que segue até o rio das Contas, e daí a Minas Gerais, Goiás; a do distrito de Belém que faz ligação da Cachoeira com a parte sul da Bahia e a do distrito de

Capoeiruçu, que vai até a comarca de Jacobina para a entrada de gado, por onde seguem as boiadas para o Piauí.

O autor George Gardner em seu livro ‘Viagem ao Brasil’ fala sobre a vida social da Vila cachoeirana.

A vida social da Vila de Nossa Senhora do Rosário do porto da Cachoeira é embalada ao influxo da Européia. Nos dias de festa, entre veludos, sedas e joias as mais custosas, deixa transparecer o esplendor de uma época de fastígio econômico. Isso porque a Bahia está perfeitamente a par das novidades estrangeiras. Seus ancoradouros abrigam navios de diferentes nações, num grande intercambio marítimo, (...). (GARDNER, apud MELLO, p. 46)

Ainda no período colonial um ensino de alto nível foi implantado na Vila no ano de 1685. Era no seminário de Belém, dirigido pelo padre jesuíta Alexandre Gusmão, considerado na época como um dos ensinos mais privilegiados da época, que era destinado somente aos filhos dos nobres e dos senhores de engenho. Dois professores ministravam as aulas a um seleto grupo de alunos, o professor Padre Manoel de Freitas da cadeira nacional de primeiras letras e o professor Joaquim José Ribeiro Guimarães, que lecionava matemática, gramática e línguas latinas (MELLO, 2001).

Na escola de latim, na qual era diretor o frei Tito dos Santos Elias, no ano de 1824, estudaria um dos mais ilustres filhos da cachoeira, o Augusto Teixeira de Freitas, notável jurisconsulto, considerado por Rui Barbosa como maior civilista do século XIX. Em 1841 começaria a funcionar o colégio Paraguaçu de ensino particular de alto nível, com um ótimo curso de latim, matéria básica para o perfeito domínio da língua portuguesa. Era tão importante curso que foi um dos locais visitados por D. Pedro II em sua visita á cachoeira no ano de 1856 (MELLO, 2001).

No século XIX em 1874, além dos engenhos, funcionava a fábrica instalada no Tororó, uma indústria de tecidos denominada de Fábrica S. Carlos, que posteriormente seria transformada na fábrica de papel. Também no século XIX circulou o primeiro jornal de Cachoeira, intitulado de ‘Daguerratipo’ impresso fora da Vila, presumidamente na sede do governo da Província. Posteriormente chegou a cidade a primeira tipografia que foi batizada de Imprensa Nacional e foi em seu prelo (máquina impressora) que em 1825 saiu o jornal ‘Independente Constitucional’, sendo seu primeiro impressor José Francisco Lopes, contratado. Outro fato importante dessa fase foi a manutenção de três

jornais diários durante dois anos, ‘O guarani’ 1877/1896, ‘Diário da cachoeira’ 1880/1881 e ‘Gazeta de Notícias’ 1880/1881 (MELLO, 2001).

Cachoeira também se consolidava pelas lutas na emancipação política do Brasil, projetando-se nos embates pela independência da Bahia e independência do Brasil em 1822, quando o país se declarava livre de Portugal. Sua participação nas lutas pela independência foi reconhecida pelo Imperador D. Pedro I, prestigiada pela sua visita em 1826, quase quatro anos depois de sua aclamação como Imperador do Brasil, aclamação feita pelos cachoeiranos após derrotar os comandos do general Madeira de Melo, enviados para sufocar o movimento patriótico de uma terra que não deixou sujeitar-se. Sendo sua participação tão importante que a cada 25 de junho a cidade torna-se sede do governo do Estado da Bahia (MELLO, 2001).

Assim em 20 de abril de 1826 o então imperador D. Pedro I assinou a lei imperial nº 64 em que elevava a Vila cachoeirana à categoria de cidade que foi denominada de cidade do Paraguaçu, mas para isso o imperador fez as seguintes exigências: construção de uma ponte sobre o Rio Paraguaçu ligando as duas cidades, a construção de um cais no porto, a implantação de um colégio público no Seminário de Belém e a criação da Santa Casa de Misericórdia. Logo no dia 13 de março de 1837 mediante a lei providencial nº 43, foi oficializada a categoria de cidade para a então Vila de Cachoeira (MELLO, 2001).

Francisco de Souza Paraízo, Presidente da província da Bahia. Faço saber a todos os seus Habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial. Decretou, e eu sancionei a Lei seguinte. At. 1º As Vilas de Nossa Senhora do Rozário do Porto da Cachoeira, e de Nossa Senhora da Purificação, e Santo Amaro, ficarão elevadas á cathogoria de Cidade, com denominação de heróica Cidade de cachoeira, - e Leal Cidade de Santo Amaro: - e gozarão dos foros, prerrogativas competentes ás de mais Cidades do Império. At. 2º O dia 25 de junho será de festividade Nacional no Município da heróica Cidade da Cachoeira; cessando o desempenho dos Tribunaes, e fazendo se todas as outras demonstraões publicas de regosijo, que se praticão em dias de taes festividades. At. 3º Ficam sem vigor quaesquer Disposiões em contrario. Mando por tabto á todas as Authoridades, á quem o conhecimento, e execução da referida Lei pertencer, que a cumprão. E fação cumprir tão inteiramente como nella se contem. O Secretario desta Província a faça imprimir, publicar, e correr. Palácio do Governo da Bahia 13 de Março de 1837, décimo sexto dia da Independência e do Império. (Certidão de Nascimento Da Cidade e Cachoeira, LEI DE 13 DE MARÇO DE 1837. Nº43)

Seu cenário econômico e político no Brasil permitiu que a cidade recebesse o título de Cidade Heróica, sua importância histórica e cultural, e graças a seu rico patrimônio arquitetônico e paisagístico dos mais importantes da América Latina, foi conferido no início da década de 70 o título de cidade Histórica Artística e Monumento Nacional, fornecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no ano de 1971 (MELLO, 2001)

CAPITULO II: CONCEITOS

2.1 Conceito de Documentação Museológica

Essa pesquisa tem a intenção de documentar a Festa D’Ajuda de Cachoeira na Bahia. Para se pensar em documentação é necessário saber e entender o que compõe a documentação, segundo a autora Rosana Nascimento documentar é:

(...) todo e qualquer suporte da informação. Assim, além do documento convencional, podemos admitir que um bem cultural como um monumento, um sítio paisagístico pode ser, também, documento; livro, folheto, revista, relatório, fita magnética, disco, microfone, portanto todo material escrito, sonoro, etc.; Registro de uma informação independente da natureza do suporte. (NASCIMENTO, s/d)

A autora Helena Dodd Ferrez (1994) nos diz que a documentação é o conjunto de informações sobre cada objeto com o uso da palavra e de imagem.

Já Ferreira (2004) explica que documentação é o conjunto de conhecimento e técnicas que têm por fim a pesquisa, reunião, descrição, produção e utilização de documentos de qualquer natureza.

A documentação museológica vai proporcionar uma análise da relação entre a manifestação cultural e as lembranças que provocam na memória das pessoas, e seu significado para a sociedade.

Pensando a memória de forma mais ampla e através de uma imagem, poderíamos dizer que os documentos são núcleos de energia no oceano da memória, são ilhas de sentido construído, e o patrimônio cultural um arquipélago em permanente devir. (IPHAN, 1994, p.46)

Dessa forma a pesquisa museológica é uma reflexão entre o homem e o patrimônio imaterial.

Segundo Chagas é pela comunicação homem/bem cultural preservado que a condição de documento emerge (...). Em contra partida, o processo de investigação amplia as possibilidades de comunicação de bem central e dá sentido á preservação (...). A pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre a área da documentação,

envolvendo a relação homem-documento-espço, o patrimônio cultural, a memória, a preservação e a comunicação. (CÂNDIDO, cit. CHAGAS, p. 46,47)

Na documentação da Festa D’Ajuda que tem atuação imaterial, foram feitos usos de registros fotográficos, etnográficos, e entrevista. A reunião dessas inúmeras formas de documentos, que tem por objetivo facilitar a consulta e a pesquisa, gerando a produção e divulgação de conhecimento, com o objetivo de salvaguardar e preservar a memória.

2.2 Patrimônio Imaterial

A palavra Patrimônio está ligada a vários significados, sendo o mais comum e utilizado o ‘conjunto de bens possuídos por uma pessoa ou entidade’. Inicialmente o termo estava ligado à herança de bens de uma família passado de pai para filho, depois passou a designar monumentos históricos protegidos por lei, que tivessem valor para a comunidade (BARRETO, 2000).

O patrimônio Cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos que remetem à história, à memória, e a identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa principalmente cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar dos bens representativos da história e da cultura de um grupo social, que pode (ou, mais raramente não), ocupar um determinado território. Trata-se de cuidar também dos usos, costumes e manifestações culturais que fazem parte da vida das pessoas e que se transformam ao longo do tempo. O objetivo principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania e para melhorar a qualidade de vida. (IPHAN, 2000)

É importante destacar a criação em 1937 do SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -, que foi a primeira instituição do governo brasileiro voltada para a proteção do patrimônio cultural do país, que posteriormente se tornaria o IPHAN. Mario de Andrade Chagas evidencia que a procura de conhecimento e reflexões com ações de reconhecimento e valorização da cultura enquanto elemento essencial da identidade de

nosso povo. Mario foi o autor do anteprojeto de criação do SPHAN, e participou das primeiras ações realizadas nessa instituição (IPHAN, 2000).

As festas populares se constituem em importante manifestação cultural que pode ter origem em um evento sagrado, social ou econômico que constantemente passam por processos de recriações e atualizações. Como destaca Maria Célia Teixeira Santos:

Tomando como base o processo evolutivo da ciência museológica, constatamos que, na sua construção e reconstrução, a partir de práxis, o marco mais significativo, talvez seja a passagem do sujeito passivo e contemplativo, para o sujeito que age e transforma a realidade. (...) (SANTOS, 1994, p. 80)

Nesse sentido podemos dizer que o sujeito deixa de ser um mero observador para ser um participante e modificador:

Contrariamente ao modelo mecanicista do conhecimento, para o qual o sujeito é um instrumento que registra passivamente o objeto, é atribuído, aqui, um papel ativo ao sujeito submetido, (...) (SCHAFF apud. SANTOS, 1994, p. 79)

Do ponto de vista museológico a Festa D'ajuda é a relação do cachoeirano com uma das manifestações culturais mais significativas da cidade e do recôncavo baiano, que gera a valorização e o reconhecimento de pertencer a um grupo social, em um processo dinâmico de transmissão de legado deixado pelos ancestrais, como referencial de cultura histórica, de práticas religiosas, sentidos e valores.

A tradicional Festa D'ajuda está enraizada na população cachoeirana através da comunicação e divulgação de suas tradições que são passadas de geração em geração, reconhecendo o pertencimento e identidade de um grupo que valoriza seus bens culturais tradicionais.

O patrimônio é visto como um meio de restabelecer os vínculos com uma tradição- 'espaço classificado como patrimônio cultural'- (...) (GONÇALVES, cit. GOUVEIA, p. 271)

A constituição de 1988 formaliza a dimensão imaterial dos bens culturais, em que nos artigos 215 e 216 abraça tanto obras arquitetônicas, urbanistas e artísticas (patrimônio material), quanto as manifestações de natureza ‘imaterial’ relacionadas à cultura no sentido antropológico: visões do mundo, memórias, relações sociais e simbólicas, saberes e práticas, experiências diferenciadas nos grupos humanos que são as chaves das identidades sociais (VIANNA, 2004).

O patrimônio imaterial só se manifesta nas interações humanas e na valorização das descrições da memória.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992 p.201)

2.3 História Oral

A memória é constituída de personagens, acontecimentos e lugares, que deixaram uma lembrança, seja ela positiva ou negativa, pessoal ou pública, mas que deixou um marco na vida do indivíduo.

Segundo Teresinha de Jesus Nogueira (2012) ao buscarmos a relação entre memória, história oral e narrativa partimos para a compreensão de que a narrativa traz a tona a história por meio da memória contada na oralidade.

Segundo Jaques Le Goff (2003) a memória é vista como um elemento individual ou coletivo que nos remete a determinados lugares:

(...) propriedade de conservar certas informações, remeter-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p. 419)

As narrativas sobre a Festa D’Ajuda são impregnadas de percepções que nos remetem aos tempos passados, onde a tradição da festa se iniciou, e foi divulgada por meio da

historia oral, em que o narrador através da memória, elege aquilo que considera importante e reconstitui as lembranças de fatos passados.

A memória retém lembranças, evoca o passado, como seu substrato, como forma de salvar o tempo do esquecimento e da perda.(...).
(NOGUEIRA, 2012, p.5)

Ao se trabalhar com história oral devem ser observados os aspectos sentimentais e emocionais dos indivíduos que estão relatando fatos. Para Meihy (2005) trabalhar com história oral é um tipo de procedimento entre o entrevistador e o entrevistado, fazendo uso de aparelhagem de gravação a fim de se conhecer uma narrativa de determinado fato.

Ao usar a história oral estamos reconhecendo que saberes e fazeres irá constituir um documento dado em relatos de fatos. Sendo que esses fatos deverão passar por um conjunto de critérios analíticos, considerando a subjetividade narrativa (NOGUEIRA, 2012). Lembrando que o pesquisador/entrevistador deverá se manter neutro sobre os relatos do tema pesquisado afim de manter a linha de pesquisa o mais realista possível.

CAPITULO III: A FESTA D'AJUDA NA CIDADE DE CACHOEIRA

3.1 A História da Festa

Cachoeira é uma cidade de grande diversidade, vários grupos étnicos e sociais participaram de sua formação e ofereceram contribuições culturais.

As pessoas de cada grupo social compartilham histórias e memórias coletivas, visões de mundo e moldes de organização social própria. A cultura e a memória são elementos que fazem com que pessoas se identifiquem umas com as outras, reconheçam que tem e partilham traços comuns. (IPHAN, 1971)

A Festa D'Ajuda está ligada a própria essência histórica da cidade, durante os festejos populares as pessoas participam dos acontecimentos vividos pela coletividade. Os membros da Irmandade de Nossa Senhora D'Ajuda têm o dever de contribuir na preservação da Festa dentro das diretrizes da Irmandade, que estão registradas no estatuto da mesma, não permitindo nenhum tipo de descaracterização.

A Irmandade de Nossa Senhora D'Ajuda é uma organização religiosa, neste estatuto designado simplesmente como 'Irmandade', com compromisso e data de existência anterior ao ano de 1875, estes dados documentais encontrados na Cúria Metropolitana da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, instalada na Universidade Católica do Salvador, na cidade de Salvador Estado da Bahia, e reorganizada em 30 de novembro de 2010, com sede e foro no Largo D'Ajuda, na cidade de Cachoeira, Estado da Bahia, é uma organização religiosa, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter religioso, com a finalidade de louvar a Virgem Santíssima e manter viva a devoção a Nossa Senhora D'Ajuda(...) (ESTATUTO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA, 2012, p.1)

A festa de rua seguia uma ordem, em que antes de começar os festejos a Nossa Senhora D'Ajuda a cidade era tomada pelo 'Pregão Anunciador', que reunia pessoas em um grande desfile de mascaras brancas que escondiam o rosto e cabeça do folião, estilizados com roupas de cetim, luvas, sapatilhas com meias brancas até o joelho, e grandes leques, que passavam pelas ruas acenando para as pessoas que saíam nas janelas das casas, dando as ruas um ar de carnaval europeu (NASCIMENTO, 1995).

O primeiro e segundo dia de festa na rua eram destinados às lavagens da igreja e da lenha. No domingo seguinte era o ‘Terno do Silêncio’, na segunda a procissão e na terça-feira o último dia era destinado aos festejos profanos.

A devoção a Nossa Senhora D’Ajuda tem início em Cachoeira no século XIX na antiga capela de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira o mais antigo templo construído em pedra e cal em uma colina que era ponto estratégico de defesa contra as incursões dos índios. Segundo o historiador Cacau Nascimento (NASCIMENTO, 1995) o local era de difícil acesso e provavelmente era cercado de muro tendo três vias de acesso com portas ligando com o engenho da Pitanga, construído na mesma época da capela, em uma parte afastada a partir do largo do Hospital com a via principal, caminho por onde era trazido o gado para o sertão – atual Rua Ana Nery – e com o alambique. Em 1755 a sede da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário foi transferida para uma igreja maior, ricamente construída e ornada na rua principal, e nesse mesmo ano é criado pelo coronel Manoel Araujo Aragão o escapelado de Nossa Senhora do Rosário. Os Adornos sedem o templo a uma confraria formada por sacerdotes com invocação a São Pedro dos Clérigos (NASCIMENTO, 1995).

Em 1801, o Padre José Henrique torna-se administrador do templo, com a ajuda dos senhores de engenho do Iguape e comerciantes. O templo é restaurado passando a ser usado por uma corporação de músicos eruditos oriundos do seio da elite social cachoeirana, muitos dos quais tinham sido formados na Europa, instituindo assim a devoção a Nossa Senhora D’Ajuda (SILVA, 1912). O objetivo era apenas ocupar o espaço religioso para a música como contrapartida ao acompanhamento para solenidades e outros atos religiosos. Em 1818 o Padre Manoel Nascimento de Jesus, na condição de vigário da freguesia de Cachoeira cria a irmandade de São Benedito, constituída em sua maioria por músicos negros que formavam a Banda Marcial de São Benedito que mais tarde viriam a se tornar a Sociedade Cultural Lyra Ceciliana. A intenção do então padre era instituir uma confraria religiosa da elite local, que viriam a se reunir na capela para atos religiosos e solenidades ao som do grupo de músicos, o que atraiu outros músicos ‘brancos’ eruditos que constituíram Corporação Musical de Nossa Senhora D’Ajuda, deixando a irmandade com dois grupos musicais distintos que tocavam não só na capela D’Ajuda, mas em outras igrejas da região, deixando a capela com a função de abrigar as duas organizações musicais (NASCIMENTO, 1995), o autor João José Reis (REIS, 1991) assinala que era comum a acomodação e convivência de

duas irmandades diferentes em um só templo. Os músicos da Corporação Musical de Nossa Senhora D'ajuda reivindicaram ocupar o interior do templo, fazendo a Banda Marcial de São Benedito se instalar em um anexo construído na parte esquerda da capela, sem acesso ao seu interior.

As manifestações populares em que os negros estavam inseridos, como a Festa D'Ajuda era o objeto de denúncia dos jornais locais da época, que refletiam e legitimavam as convicções da alta sociedade. O jornal A Cachoeira (1898) publicou severas críticas a um grupo de mascarados que saíam para buscar água na madrugada, batendo em latas e panelas, acordando pessoas da comunidade, empregados e escravos negros que participariam da lavagem da capela D'Ajuda, fato esse que incomodava a elite local, sendo que essa algazarra posteriormente daria origem aos ternos. Após a lavagem, parte dos músicos da filarmônica percorria a cidade acompanhada desses foliões tocando chulas e sambas, gerando assim um alarde humano brincando irreverentemente.

As manifestações populares em que o negro estava inserido como a Festa D'Ajuda, era alvo de repreensão por parte da polícia e de denúncia dos jornais que traziam e legitimavam a ideologia da elite. (NASCIMENTO, 1995, p. 40)

No dia seguinte a lavagem ocorria a 'Lavagem da Lenha', que consistia em um grupo de mascarados, caretas e populares que saíam a pé acompanhados pela filarmônica, com a lenha estocada para as fogueiras que eram acesas diariamente em frente da capela. Essa situação era dada pelo fato de que no século XIX a cidade de cachoeira não possuía um sistema de iluminação pública. O bando saía as 15h00min atrás dos músicos que tocavam músicas tradicionais com letras que representavam a época como 'Capela D'Ajuda já deu sinal...' onde as pessoas respondiam 'Abaixa a máscara, careta!...'. As 18h00min o bando subia a ladeira ainda embalados pelo ritmo musical: 'Capela D'Ajuda já deu sinal...' e a população respondia 'Suspende a máscara, careta!'.

O Jornal A Cachoeira dizia: Segunda-feira 24 de outubro de 1898, dia útil para o trabalho honesto que habilita o homem, deu-se nesta cidade a celebre temporada de caretas a pé, que alguns festejos mino seriam à certas festas a seu cargo, no intuito, dizem eles, de corresponder a expectativa pública, e dizemos nós: para dar largas a preguiça e malandrices nesta terra. (NASCIMENTO, 1995, p. 41)

No domingo que antecedia a procissão acontecia o ‘Terno do Silêncio’ que percorria a cidade da meia noite até o amanhecer, anunciando com apitos e tambores que naquele dia ficaria proibido qualquer tipo de manifestação nas ruas. A comunidade deveria se preparar recolhendo-se e sacralizando-se para a procissão. Na segunda feira dia da procissão as ruas eram ornamentadas por toalhas colocadas nas janelas das casas e sobrados, vasos com plantas colocados nos passeios onde a comunidade religiosa esperava elegantemente com suas roupas e sapatos comprados especialmente para a época e acompanhavam o cortejo até a igreja. Entretanto após a procissão, no outro dia, todos os ternos mascarados, mandus, caretas, cabeçorras e a população de modo geral voltava às ruas para se despedir da festa daquele ano (NASCIMENTO, 1995).

A lavagem, que era anteriormente uma algazarra com batidas em panelas produzida pelas pessoas envolvidas na lavagem da igreja, foi substituída pelo badalar dos sinos logo ao amanhecer, convidando as pessoas a comparecerem ao largo, evitando assim o alarde popular (NASCIMENTO, 1995).

Ainda segundo Nascimento (1995) coroava-se rei e rainha de Congo, desfilava-se Moçambique e cavalhadas, em uma perfeita polaridade entre sagrado e profano. Os ternos, os mascarados e outros foliões presentes nas manifestações populares, tiveram origem nas festas das irmandades de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, que eram compostas por negros. Os estrangeiros que chegavam para a Bahia em 1600 não entendiam a forma com que o povo se relacionava com a divindade. Assim aquelas pessoas celebravam aos santos de devoção com clima festivo nas ruas como forma também de se relacionar com outras pessoas de diferentes grupos sociais, situações e contextos diferentes, “Uma relação de temor e ao mesmo tempo de alegria e regozijo, que lhe permitia festejar na rua” (BRANDÃO, 1989, p. 14).

A preparação da festa oficial da elite começa de um ano para o outro. No último dia de festa são eleitos os mordomos que são os juízes, junto com uma comissão, que tem um ano para prepara a festa, arrecadando dinheiro no comercio e indústria, e envolvendo pessoas da comunidade com novidades para que no mês de outubro já exista ternos, bandos formados, mascarados, músicos, filarmônicas e a decoração do átrio da capela para as novenas que eram destinadas as pessoas de prestígio da cidade. Assim o trabalho dos juízes se dava principalmente as noites depois da missa quando a elite circulava entre bancas de quermesse e assistia a jogos realizados por crianças como trança-fitas, ouvindo musicas tocadas pelas filarmônicas (NASCIMENTO, 1995).

3.2 O Sagrado e o Profano

A Festa D’Ajuda remete às tradições cristãs, sobretudo as da Igreja católica, que desde a colonização estabeleceu-se nestas terras e difundiu seus ensinamentos, aos quais estão inseridos a adoração a Nossa Senhora D’Ajuda, devoção trazida pelos portugueses.



Fig 2. Nossa Senhora D’Ajuda

Foto: <https://www.flickr.com/photos/turismobahia/8196499459/in/album-72157632044261180/>

Em Cachoeira o culto a Nossa Senhora D’Ajuda teve início em 1820. No ano de 1870 a Corporação Musical de Nossa Senhora D’Ajuda constitui a irmandade para a santa, fazendo assim com que a irmandade de São Benedito perdesse o direito de se reunir na capela, sendo acolhida na Igreja da Nossa Senhora do Monte, separando as duas irmandades, deixando a capela para a adoração exclusiva de Nossa Senhora D’Ajuda.

No livro ‘A morte é uma Festa’ de João José Reis (1991) é explicado que as irmandades eram associações de leigos que possuíam uma devoção comum, cuja finalidade era a ajuda mutua, socialização e diversão, funcionando como espaço construtivo de identidade.

Ainda segundo Reis (1991), as irmandades são instituições criadas por africanos dentro das possibilidades de novo mundo, que permitiam a relação com pessoas livres, pobres ou não, em uma esfera que não era da sua intimidade nem do trabalho.

Os leigos criavam e recriavam suas experiências teatralizando práticas religiosas marcadas pelo profano. Mircea Eliade (1992) nos mostra duas modalidades de ser e

praticar atos religiosos no mundo: o Sagrado e o Profano, ambas as situações existenciais assumidas pelo homem ao longo dos anos. Os modos de ser do Sagrado e do Profano dependem das diferentes posições que o homem conquista no Cosmo e conseqüentemente, interessam não só ao filósofo, mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana (ELÍADE, 1992).

Ainda segundo Elíade (1992), seja qual for à complexidade de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar no passado e que é naturalmente tornado presente, onde os participantes da festa tornam-se contemporâneos do acontecimento mítico. Saem do seu tempo histórico, do tempo constituído pela soma dos eventos profanos, pessoais e interpessoais, e se reúnem ao tempo primordial, que é sempre o mesmo, que pertence à entidade.

As práticas populares atravessaram séculos. O modo de conceber e experimentar praticas religiosas diferenciadas em relação ao proposto pela hierarquia eclesiástica é o que define o popular da religião. As festas religiosas em adoração a um santo ocorriam uma vez por ano, em cada irmandade com o objetivo de homenagear o dia de seu padroeiro, destacando-se as práticas religiosas organizadas nas casas grandes, com santos em altares ou capelas próprias, onde padres eram contratados exclusivamente por cada fazenda.

A Festa D’Ajuda é uma das mais significativas manifestações culturais de toda região do Recôncavo Baiano, reunindo personalidades do imaginário criadas a partir da fusão da miscigenação social que se instalou na Bahia, especialmente em Cachoeira como nos explica Nascimento (1995), que a festa era celebrada pela elite cachoeirana, devota de Nossa Senhora D’Ajuda.

Nos dias da festa as pessoas de santo, adeptas do candomblé costumavam contratar algum folião sigilosamente, que saia fantasiado com a finalidade de realizar a obrigação do terreiro. A Festa D’Ajuda era assim uma oportunidade para se realizar trabalhos profanos religiosos nas ruas. A participação desses personagens é a representatividade das classes sociais que eram excluídas, nesse caso os escravos com religião de matriz africana.

3.3 Momentos Específicos da Festa

Ainda é visível a presença dos elementos africanos nas praticas religiosas católicas de Salvador e da região do Recôncavo Baiano, inclusive nas celebrações da Festa de Nossa Senhora D’Ajuda na cidade de Cachoeira, onde se verifica as estruturas culturais da festa, que tem na música e nas figuras simbólicas um sentido de comunicação, convocação e manifestação de sentimentos.

Nascimento (1995) nos mostra que o Mandu é uma das figuras mais significativas da festa.



Fig 3. Mandu, Festa D’ajuda, 2015.

Imagem: Pedro Martins

O Mandu é um personagem representado por uma figura viva amorfa, de origem afro-religiosa, feito a partir de uma arupemba (peneira confeccionada com fios de palha), que é colocada sobre a cabeça da pessoa, coberta com um lençol branco que é preso no pescoço, veste-se ainda um paletó branco onde nas mangas se atravessa um cabo de vassoura, de modo que os braços da pessoa fiquem sobre o peito prejudicando assim seu equilíbrio. Por fim a pessoa fica irreconhecível, denominada pelo candomblé de éguns (espíritos) (NASCIMENTO, 1995).

Além do Mandu outro símbolo da festa é a Cabeçorra, que tem origem na tradição do carnaval europeu, e é representada pelas classes sociais que tinham recursos financeiros, se apresentavam com roupas finas de cetim e com leques. Foram introduzidas na festa pelos foliões da elite cachoeirana, alguns de origem portuguesa, e desfilavam

solenemente em pequenos grupos acenando para os observadores (NASCIMENTO, 1995).



Fig. 4 Cabeçorra, Festa D'ajuda, 2015.
Imagem: Elias Mascarenhas.

A Festa D'Ajuda atualmente é uma manifestação cultural das mais significativas da região, onde durante os dias de folia, os cachoeiranos e visitantes adotam as mais variadas formas e maneiras de se vestir, satirizando tudo e todos, inclusive fatos ocorridos no período antecessor aos festejos.

O calendário oficial da festa tem seu início com o 'Pregão' também conhecido com 'Bando Anunciador', com foliões em cima de caminhões que percorrem as ruas, enfeitados com fitas, palmeiras e cartazes coloridos com informações sobre as atrações da festa. O 'Terno do Silêncio' acontece sábado à meia noite, e é o primeiro terno da festa, e no domingo as Baianas saem em cortejo para a lavagem das escadarias da Capela D'Ajuda. No 'Terno da Alvorada' as pessoas saem fantasiadas individualmente de trabalhadores, reis, animais, personagens mitológicos, onde cada um independente de classe social desfila sua alegria pela cidade junto com os Mandus e Cabeçorras. Por último ocorre o 'Terno da Saudade', onde não há regras de vestimenta, se tornando um espaço livre. Segundo Nascimento (1995) no ano de 1935 o Major Urcesino Santos grande comerciante de secos e molhados da época, designou pela primeira vez os músicos para animar os embalos.

Historicamente os embalos eram tidos como manifestação das classes mais baixas, e dos subordinados dos Senhores de Engenho, e os ternos eram tidos como manifestações elitizadas, já que eram patrocinados pelos comerciantes e Senhores de Engenho da época. Os embalos tiveram origem a partir da ‘Lavagem da Lenha’ e da ‘Lavagem das Escadarias’ da Capela, realizadas pelos negros e pelas baianas, sendo que numero de pessoas que saíam para função da lavagem foi crescendo de tal maneira que com o passar do tempo configurou-se uma multidão que se espalhavam pelas ruas de Cachoeira, promovendo uma enorme algazarra, que era mal vista pela elite e autoridades da época (NASCIMENTO, 1995).

Os embalos saem as 17h00min na segunda semana da festa, percorrendo as ruas da cidade, ao som da música ‘Capela D’Ajuda já deu sinal’ e de músicas instrumentais, fazendo paradas na frente da Igreja Matriz, na casa de Anita Queiroz Santos que foi juíza da festa, e na Capela D’Ajuda, em sinal de reverência e respeito a esses locais. Seguidos por um grande numero de foliões que pulam e dançam ao som das músicas tocadas no trajeto, levando os embalos a alegrar as ruas.

A Festa D’Ajuda é reconhecida pelos cachoeiranos como referencia de cultura, e sua história está presente na memória dos processos do lugar e faz ponte com seu cotidiano.

O patrimônio cultural preservado colabora para que o individuo sintase membro dessa coletividade percebendo que esses bens culturais lhe pertencem também porque lhes representam. E através da socialização destes bens, a cultura contribui para os indivíduos perceberem-se parte de um grupo social e construírem sua própria identidade. O patrimônio cultural compõe-se em subsídio essencial para a reconstrução de nações e concepções. (UNESCO-2002 p.4)

É neste sentido, que o registro da Festa D’Ajuda como Patrimônio Imaterial do Estado proporcionará a salvaguarda, preservação e valorização de uma das mais antigas manifestações populares do Brasil.

3.4 A Festa vista pela Comunidade

As histórias dos antigos ternos são lembradas pelos moradores de Cachoeira e ficam presentes no íntimo do sentimento de algumas pessoas que tem uma admiração especial pela Festa, mantendo vivas as memórias dos animados foliões de outrora junto com suas primordiais características como a tradição de todos se fantasiarem de forma irreverente, o uso das tradicionais máscaras, as músicas tradicionais dos ternos tocadas pelas filarmônicas, a participação de mais pessoas nos festejos religiosos, a presença das representações das comunidades dos distritos cachoeiranos, características que por algumas vezes não são mais encontradas nos festejos atuais dado a fatores sociais, econômicos e culturais que a sociedade cachoeirana atravessou.

Inicialmente era a Irmandade de Nossa Senhora D'Ajuda que ficava a frente dos preparativos da festa, dando ênfase ao lado religioso e moldando o lado profano. Quando a Irmandade se limitou a organizar somente os festejos religiosos, deixando a festa profana com uma comissão de juízes, os organizadores da festa passaram a ter liberdade para modificar sua estrutura, sem a interferência de terceiros. Os juízes começaram a inserir elementos que se distanciavam do tradicional e a disputa pela realização da festa mais bonita acaba por desencadear o surgimento de novidades dentro da mesma, a exemplo do mini-trio e do abadá. Assim é notável que a organização da festa profana ocasionou a inserção de inovações na mesma, descaracterizando alguns momentos dos festejos.

Algumas entrevistas foram realizadas a fim de se iniciar uma série de registros da memória contada oralmente, por pessoas que cresceram junto aos festejos D'Ajuda. Os entrevistados foram: Zenaide Gonçalves Ferreira Gomes, Ana Rosa Santos, Paulo Lobo e Terrezinha Pereira da Silva.

Para esses registros orais os entrevistados contaram de livre e espontânea vontade momentos marcantes sobre a relação deles com a Festa D'Ajuda, com entrevistas realizadas em dias alternados escolhidos pelos entrevistados e nas residências dos mesmos, com conhecimento dos fins e a autorização para serem divulgadas nessa pesquisa.

A Sr^a Zenaide Gonçalves Ferreira Gomes, ex-diretora do Colégio Estadual da Cachoeira, moradora antiga da cidade, descreve com emoção e carinho as memórias com relação com os ternos, em especial o da população do distrito da Bacia do Iguape,

que confeccionavam suas próprias máscaras do pássaro sabacu e saíam pelas ruas de Cachoeira:

“As pessoas que moravam na Bacia do Iguape se reuniam e saíam da rua da antiga fabrica Leite Alves e vinham pelas ruas da cidade no Terno Sabacu que era a representação de um pássaro do recôncavo (...). Eles saíam em uma folia só! Tinha o Jorge Arara, Zé Lestresco e Poporrô que eram responsáveis pela organização daquele terno (...) a festa era bonita demais, desde as lavagens até os ternos mais barulhentos era tudo muito lindo. As meninas que carregavam a lenha da lavagem e as outras que carregavam uma moringazinha com água para lavar as escadarias. Era a parte mais significativa da festa. (...) Devo citar que além dos ternos mais tradicionais da festa que eu alcancei desde criança, a imagem de uma pessoa fantasiada de diabo que pintava o corpo todo de preto, os olhos de vermelho e colocava um rabo de boi e um par de chifres na cabeça, saindo pela cidade a assustar as pessoas.”

Além dos relatos das memórias da festa Sr^a Zenaide nos fala da importância dos festejos para a comunidade local e para os visitantes, demonstrando que a festa deve ir além dos festejos profanos, e sim ter uma continuidade das tradições.

“(...) a festa agora tem muitas inovações. A festa é um patrimônio cultural, um testemunho vivo de herança de gerações passadas que deve ser transmitido para as gerações futuras. Os professores e escolas devem fazer levantamentos, cadastramentos e pesquisas com os alunos; ações atreladas a secretaria de cultura para que eles entendam essa manifestação cultural e não somente as festas dos embalos com musicas seculares.”

Esse é um aspecto que preocupa muitas pessoas que desejam a preservação cultural da Festa, pois é notado pela comunidade que os embalos alternativos ou blocos, estão sendo colocados como ponto principal, ocorrendo assim uma desvalorização e esquecimento das tradições seculares que deram início a essa festividade. A dona Ana Rosa, uma professora aposentada fala que a grande preocupação da comunidade mais jovem é sobre os embalos. Ela relata:

“É preciso trabalhar a consciência da população de maneira geral, principalmente dessa juventude, abrangendo o máximo de pessoas possível. Isso também ajuda a manter a tradição da festa frente aos turistas, uma vez que quem vem conhecer a festa d’Ajuda observa o comportamento da população local, e isso é importante para uma boa

impressão deles. (...) A nossa meninada só pensa em farra, bebida e muitas vezes brigam e entristecem uma festa tão bonita. Precisa sempre estar sendo lembradas as raízes dos festejos, ensinando nas escolas desde os pequenos, todos os anos, para crescerem entendendo o que é a Festa. (...) hoje em dia virou uma coisa de comércio, uma negociação, uma briga por poder e status, sinceramente isso envergonha a história de um festejo tão lindo como é a Festa D’ajuda.”

Outro filho da cidade cachoeirana é o advogado Paulo Lobo, que fala sobre as lembranças dos tempos em que saía pelas ruas atrás dos ternos nos dias de festa:

“Os Mandus coloridos e os Pierrôs acompanhados de pelotões de diabinho faziam brilhar a festa na caminhada ao som do arrastão musical com diversas filarmônicas. Nesse período de festa as rivalidades cotidianas da cidade dão lugar a alegria de festejar com as tradicionais marchinhas: ‘pau dentro pau fora, quem tiver pau pequeno vai embora’ e ‘cadê a greta? Tá no ... de marieta’. Acho bonito que todos os anos a Capela D’Ajuda se enfeita de tinta branca. Seu assoalho é lavado por baianas vestidas a rigor, por devotas que levam água de cheiro e flores angelicais para dar boas vindas à Nossa Senhora. (...) Os ternos são sempre um festival de cores que deslumbra cachoeiranos e visitantes, é uma linda mistura, tipo um grito de libertação.”

Os festejos anuais foram sempre motivo de grande preparação e expectativa para a população que tem a Festa D’ajuda como principal acontecimento do calendário festivo de Cachoeira. A população mais antiga da cidade sempre tem uma história diferente para contar, como é o caso de Dona Terrezinha, que além de contar suas lembranças ainda tenta reproduzir o som dos instrumentos:

“Eu me lembro bem que esperava ansiosa pela Festa. Sempre ficava na janela para saber como estavam indo os preparativos para a festa. Minha mãe não me queria na rua, pois achava que a festa era coisa de gente ruim, de desocupado e coisa e tal, só me levava para as comemorações na igreja, ou seja o lado religioso, mas eu não me agüentava e muitas vezes saía escondido e pulava até cansar. (...) Bons tempos eram aqueles. Me lembro que em um ano teve uma grande discussão sobre o horário de um terno, muita gente brigando e quase cancelaram a festa daquele dia, mas o povo começou a gritar, as mulheres estavam assanhadas e quando o terno saiu foi uma festa só! Eita, só no ‘tigling’, muito bom, muito bom mesmo.”

Atualmente o que é notado entre os participantes da Festa D'ajuda é que poucos são os que realmente conhecem a história tradicional da festa, o lado histórico que deu início às comemorações e festejos só são mencionados por pessoas de mais idade, enquanto a população mais jovem só faz referências aos embalos, muitas se limitam a participação dos festejos profanos com participação principalmente nos embalos alternativos que saem no final das tardes pelas ruas, embalando os foliões com músicas atuais tocadas pelas pequenas bandas locais ou participantes das filarmônicas, substituindo as marchinhas por toques de axé e pagode que por algumas vezes é pedido pelos próprios foliões.

Para além das entrevistas foi aplicado um questionário com onze perguntas referentes à Festa D'Ajuda, para 30 pessoas da comunidade, em que para essa pesquisa foram usados somente 10 questionários, onde foi notado que para muitas pessoas é de total desconhecimento o início da devoção a Nossa Senhora D'Ajuda e por conseqüência as manifestações mais antigas empregadas na festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos em patrimônio, imediatamente nos remetemos ao que conseguimos ganhar e juntar durante certo período da vida. Nesse trabalho foi abordado o tema Festa D'ajuda na cidade de Cachoeira na Bahia, no que tange o patrimônio cultural imaterial local e sua total relação com a vida da comunidade. A intenção da pesquisa foi ressaltar as características dessa manifestação popular, suas peculiaridades e simbologia.

As manifestações culturais possuem um significado para a memória coletiva dos cachoeiranos, no que diz respeito aos festejos anuais D'ajuda os acontecimentos vividos são aceitos e reconhecidos por eles como parte significativa de uma história inicialmente individual, que passa a ser coletiva dada a sua grandiosidade, sendo um acontecimento que produz uma relação íntima entre a comunidade participante e o bem cultural.

Ao longo da pesquisa foram aplicados questionários para a comunidade local, com o intuito de entender o quanto as pessoas conhecem sobre a tradição da festa. Também realizamos entrevistas, registrando depoimentos orais de suas experiências que traduzem visões particulares, mostrando as relações sociais vivenciadas por elas nos antigos festejos D'ajuda.

Concluimos que a maioria das histórias individuais se refere à festa com um sentimento exclusivamente de diversão, deixando de lado os festejos religiosos e sua simbologia. No âmbito das entrevistas ficou nítido que a população pouco conhece da tradição que deu origem a festa, falta um conhecimento crítico e profundo dos festejos religiosos e até mesmo dos personagens típicos da festa. Sendo necessário que se apresente alguma ação que priorize a divulgação da história tradicional dos festejos, e que ocorra o registro oficial da Festa D'ajuda como patrimônio imaterial.

Assim, essa pesquisa buscou principalmente realizar um estudo de memórias na comunidade, deixando registrado a fim de que sirva como fonte de estudo para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento.** 4ª Edição. Campinas, SP: Papirus, 2000. (Coleção Turismo)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na Bahia.** Papirus editora, 1989.

BRASIL. Constituição (1988). “**Constituição da República Federativa do Brasil**”: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. (Série Legislação Brasileira).

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. In: **Caderno de diretrizes museológicas.** 2 Ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.

Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Unesco 2002.

ELÍADE, Mircea. 1907 - 1986. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora D’Ajuda. Registro nº1421, pag.119/133, livro: ANº20, Cachoeira 17 de outubro de 2012.

Estudos de Museologia/ Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Promoção. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. 83p. (Caderno de ensaios, 2)

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática.** In: Estudos de Museologia, cadernos de ensaio nº 2. Rio de Janeiro: MINIC/IPHAN, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. _3. ed._ Curitiba: Positivo, 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais.** Revista Estudos Históricos, vol. 1, n. 2, 1988.

HENRIQUE, Wendel. **Cidades médias e pequenas da rede Urbana do Recôncavo da Bahia: Uma análise sobre Cachoeira.** Departamento e Mestrado em Geografia Instituto de Geociências - Universidade Federal da Bahia, 2007.

Jornal A Cachoeira. 1898.

Jornal do Paraguaçu, Novembro/97, Ano I - nº3. Cachoeira Bahia.

JUNIOR, Pereira Reis. **Maria Quitéria**. Serviço de documentação do Ministério de Educação e Cultura - Edição 1953.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas, São Paulo, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral**. 4. ed São Paulo: Vértice, 2005.

MELLO, Francisco José de. **História da cidade da Cachoeira**. 2001, Editora Gráfica Radami.

NASCIMENTO, Cacau. **Capela D'Ajuda já deu Sinal: relações de poder e religiosidade em Cachoeira**. Cachoeira, BA, CEAO, 1995.

NASCIMENTO, Rosana Andrade Dias do. **Aulas de Classificação e documentação para o curso de Museologia**. Universidade Federal da Bahia. [Salvador: UFBA], [s.d.].

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães. **Memória, História Oral e Narrativa: O Encontro do Possível na Multiplicidade de Pontos de Vista**. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

OBRY, Olga. **Catarina do Brasil – A índia que descobriu a Europa**. Editora: Atlântica, 1945.

Patrimônio cultural imaterial: para saber mais / Natália Guerra Brayner. __ Brasília, DF: IPHAN, 2007.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

REIS, João José. **A morte é uma festa**. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

SANTOS, Milton. **A rede urbana do Recôncavo**. Salvador: Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais - Universidade Federal da Bahia, Imprensa Oficial, 1959.

SILVA, Pedro Celestino. **Fontes e Tradições Cachoeiranas**. 1912.

SOUTHEY, Robert. **História do Brasil**. 5º volume, Tradução Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, Edição Livraria Garnier, 1862. Rio de Janeiro.

VIANNA, Léticia C.R. Legislação e Preservação do Patrimônio Imaterial: perspectivas, experiências e desafios para a salvaguarda das culturas populares.

Textos escolhidos de cultura e arte populares vol.1, nº1, 2004.

www.cidades.ibge.gov.br/painelhistorico. Acessado em 28 de maio de 2015, 13:30h

ANEXOS

Anexo 1: Imagens da Festa



Capela D'Ajuda, Festa D'Ajuda, 2014.
Foto: Pedro Martins



Cortejo das Baianas, Festa D'ajuda, 2014.
Foto: Pedro Martins



© pedro martins - <https://www.flickr.com/pedromartinsphotografia>
 Cortejo das baianas, Festa D'Ajuda, 2014.
 Foto: Pedro Martins.



Cortejo das baianas, Festa D'Ajuda, 2015.
 Foto: Aline Rocha.



© pedro martins - <https://www.flickr.com/pedromartinsphotografia>
 Ladeira D'Ajuda, Festa D'Ajuda, 2014.
 Foto: Pedro Martins



Terno da Alvorada, Festa D'ajuda, 2014.
Foto: Pedro Martins.



Terno da Alvorada, Festa D'Ajuda, 2014
Foto: Carlos Eduardo Morais.



Carro do Bando Anunciador, Festa D'Ajuda, 2015.
Foto: Aline Rocha



Pierrôs, Festa D'Ajuda, 2015.
Foto: Elias Mascarenhas.



Cabeçorras, Festa D'Ajuda, 2015.
Foto: Elias Mascarenhas.



Os Mascarados, Festa D'Ajuda, 2015.
Foto: Pedro Daniel Souza.



Mandus, Festa D'Ajuda, 2015.
Foto: Aline Rocha.



Terno da Alvorada, Festa D'Ajuda, 2015.
Foto: Pedro Daniel Souza.



Terno da Alvorada, Festa D'Ajuda, 2015.
Foto: Pedro Daniel Souza.

Anexo 2: Entrevistas

Sr^a Zenaide Gonçalves Ferreira Gomes, coordenadora de educação, cachoeirana.

Lembro muito dos festejos antigos da festa, dos animados foliões do passado e das características específicas da festa. As pessoas que moravam na Bacia do Iguape se reuniam e saíam da rua da antiga fabrica Leite Alves e vinham pelas ruas da cidade no Terno Sabacu que era a representação de um pássaro do recôncavo, era muita gente que ia homenagear e alegrar a festa. Eles saíam em uma folia só! Tinha o Jorge Arara, Zé Lestresco e Poporrô que eram responsáveis pela organização daquele terno, muito colorido e bonito; a festa era bonita demais, desde as lavagens até os ternos mais barulhentos era tudo muito lindo. As meninas que carregavam a lenha da lavagem e as outras que carregavam uma moringazinha com água para lavar as escadarias. Era a parte mais significativa da festa, a lavagem, sempre tão linda e cheia de significados religiosos. Devoção e respeito no cortejo e na lavagem das escadarias, tradição passada com amor do local de onde a cidade foi fundada.

Mas o que eu mais gostava eram as cabeçorras feitas de papel machê. Devo citar que além dos ternos mais tradicionais da festa que eu alcancei desde criança, a imagem de uma pessoa fantasiada de diabo que pintava o corpo todo de preto, os olhos de vermelho e colocava um rabo de boi e um par de chifres na cabeça, saindo pela cidade a assustar as pessoas.

Uma festa muito bonita e esperada aqui na cidade, já nos preparativos já fazia o coração bater mais forte, havia uma grande ansiedade de um ano para o outro, já que os juízes sempre ficavam dizendo que no próximo ano seria melhor. A festa agora tem muitas inovações. A festa é um patrimônio cultural, um testemunho vivo de herança de gerações passadas que deve ser transmitido para as gerações futuras. Os professores e escolas devem fazer levantamentos, cadastramentos e pesquisas com os alunos; ações atreladas a secretaria de cultura para que eles entendam essa manifestação cultural e não somente as festas dos embalos com musicas seculares, eu vejo e entendo que infelizmente a cultura desse país não é muito valorizada, devemos aprender mais das nossas raízes e ficar feliz com o que temos.

Sr^a Ana Rosa Silva, professora aposentada, 65 anos, cachoeirana.

De grandes momentos da festa eu me lembro! Eu ficava na janela do sobrado olhando a população se esbaldar nas ruas, contava o tempo para poder estar no meio da folia, mas naquele tempo era vergonha uma mulher sair sozinha pulando pelas ruas, era mal visto. Mas tudo era bonito demais, colorido e alegre, as músicas contagiavam dando vontade de dançar sem parar, as fantasias com máscaras coloridas davam um toque especial para tudo, alegria, irreverência e felicidade eram as palavras de ordem da festa D'Ajuda. Hoje eu vejo que a festa mudou, mudou porque quase ninguém liga para os momentos religiosos, ficaram somente com os membros da irmandade e nós que somos ligadas aos preceitos católicos. É preciso trabalhar a consciência da população de maneira geral, principalmente dessa juventude, abrangendo o máximo de pessoas possível. Isso também ajuda a manter a tradição da festa frente aos turistas, uma vez que quem vem conhecer a festa d'Ajuda observa o comportamento da população local, e isso é importante para uma boa impressão deles, fazendo com que gostem da festa e se sintam acolhidos. A nossa meninada só pensa em farra, bebida e muitas vezes brigam e entristecem uma festa tão bonita.

Precisa sempre estar sendo lembradas as raízes dos festejos, ensinando nas escolas desde os pequenos, todos os anos, para crescerem entendendo o que é a festa. No meu ver uma manifestação dessa grandiosidade cultural não poderia estar sendo deixada de lado em prol de uma concorrência financeira, hoje em dia virou uma coisa de comércio, uma negociação, uma briga por poder e status, sinceramente isso envergonha a história de um festejo tão lindo como é a Festa D'ajuda.

Outra coisa que deve acabar é essa briga de reconhecimento da festa. Esse povo egoísta deve entender que a festa é cultura local e que não tem dono unitário, mas sim toda a população que valoriza e curte as tradições, vai lá reconhece e pronto! Vamos brincar e ser feliz durante o mês mais esperado: Novembro!

Sr. Paulo Lobo, advogado, 58 anos, cachoeirano.

Os Mandus coloridos e os Pierrôs acompanhados de pelotões de diabinho faziam brilhar a festa na caminhada ao som do arrastão musical com diversas filarmônicas. Nesse período de festa as rivalidades cotidianas da cidade dão lugar a alegria de festejar com

as tradicionais marchinhas: ‘pau dentro pau fora, quem tiver pau pequeno vai embora’ e ‘cadê a greta? Tá no... de marieta’. Acho bonito que todos os anos a Capela D’Ajuda se enfeita de tinta branca. Seu assoalho é lavado por baianas vestidas a rigor, por devotas que levam água de cheiro e flores angelicais para dar boas vindas à Nossa Senhora, a igreja se alegra e essa alegria contagia a comunidade e os turistas.

Momentos de alegria, eram assim os dias de festa, tinha gente até faltando ao trabalho para festejar nessas ruas de pedra, eu tento até hoje não perder as festividades. Os ternos são sempre um festival de cores que deslumbra cachoeiranos e visitantes, é uma linda mistura, tipo um grito de libertação. A meninada fica esperando os dias de novembro como se espera papai noel.

Sr^a Terrezinha Pereira da Silva, aposentada, 62 anos, cachoeirana.

Eu me lembro bem que esperava ansiosa pela Festa. Sempre ficava na janela para saber como estavam indo os preparativos para a festa. Minha mãe não me queria na rua, pois achava que a festa era coisa de gente ruim, de desocupado e coisa e tal, só me levava para as comemorações na igreja, ou seja, o lado religioso, mas eu não me agüentava e muitas vezes saía escondido e pulava até cansar, depois chegava em casa e apanhava, mas sempre valia a pena. Bons tempos eram aqueles. Me lembro que em um ano teve uma grande discussão sobre o horário de um terno, muita gente brigando e quase cancelaram a festa daquele dia, mas o povo começou a gritar, as mulheres estavam assanhadas e quando o terno saiu foi uma festa só! Eita, só no ‘tigling’, muito bom, muito bom mesmo. Os ternos saíam organizados depois que a capela dava o sinal, e os fogos eram estourados, aí era a cada um por si, um carnaval em Cachoeira, não tinha uma casa sequer que ficasse sem pessoas nas janelas, todos queriam ver como o festejo seria naquele ano. Sempre achei pertinente essa relação entre o lado religioso e o lado carnavalesco da festa, sempre andando juntos e embelezando os dias de festa.

Anexo 3: Questionários

1. Nome, idade nacionalidade, endereço.
2. Você sabe como surgiram os ternos tradicionais elencados na programação oficial da Festa D'Ajuda?
3. Os Ternos marcam momentos específicos da Festa. Em qual(ais) dele(s) você participa?
4. Você participa dos ternos alternativos? Qual(ais)? O que você acha desses ternos?
5. O Mandu e a Cabeçorra são dois personagens de estilos e origens distintos. O que eles representam?
6. O que você entende por tradição?
7. Para você o que mantém viva a tradição da festa?
8. Quais atrações devem ser empreendidas por cachoeiranos para proteger a Festa D'Ajuda?
9. Para você o que é uma manifestação cultural? Explique.
10. Os personagens tradicionais que aparecem atualmente na parte profana da Festa ocupam o mesmo sentido para o cachoeirano? Justifique.
11. Como assegurar a integridade histórica cultural da Festa?

Respostas:

Questionário 1

1. Virginia S.A do Nascimento, brasileira, Rua comendador Assis, São Félix, Bahia.
2. Não.
3. Sim. Eu não participo de nenhum.
4. Não. Acho que só é uma forma de ganhar dinheiro.
5. Pra dizer a verdade eu não sei o que eles representam.
6. São os costumes e crenças de uma comunidade que transmite elementos ao fazer parte de uma cultura.
7. Acredito que seja a parte profana.
8. Palestras sobre a festa onde muitas pessoas não sabem direito sobre o que ela significa.

9. É uma maneira do ser humano transmitir seu interior, o que pensa, o que fazer e o que modificar.
10. Sim. É uma forma das pessoas se divertirem com o que gostam.
11. Conscientizando as pessoas da importância cultural da festa.

Questionário 2

1. Ivonete Reis, brasileira, Rua Dr. Vacareza.
2. Não.
3. Nunca participei, só aprecio de longe.
4. Não. Acho que só enriquece a festa com as fantasias criativas.
5. Não conheço a fundo a história, só sei que é tradição de Cachoeira.
6. Fazer coisas que tem significado para uma cultura.
7. Ato contínuo de uma transmissão de cultura que vem se perpetuando por gerações indicando respeito e continuidade ao passado.
8. A organização dos blocos populares, oficinas diversas sobre o tema D'Ajuda e que no último dia de festa tenha mais organização.
9. Maneiras de expressar pensamentos relacionados a cultura presente em cada lugar, forma de demonstrar heranças culturais e miscigenação de um povo.
10. Sim, já estamos habituados a ver pela cidade durante o meses de outubro e novembro imagens referentes à festa. Assim a cidade fica animada e as pessoas saem às ruas para prestigiar essa manifestação cultural que vem passando de geração a geração.
11. Organização, respeito e conscientização da comunidade.

Questionário 3

1. Edoane Alburquerque Cerqueira, 25 anos, brasileira, Rua Dr. José Goes São Félix, Bahia.
2. Sim. Os ternos surgiram a partir da necessidade de iluminação da rua, para a realização das missas e tríduos celebradas na Capela D'Ajuda. O ato de acender as fogueiras para tal finalidade era realizado pelos negros e população mais carente da cidade. Era quase um ritual, com muita alegria e cantorias.
3. Todos.

4. Todos. A liberdade e alegria do povo negro são difundidas nesses ternos sem elitização.
5. Mandus: representam uma entidade que está presente nos terreiros de candomblé.
Cabeçorras: representam a influência européia existente na festa.
6. Tradição é toda e qualquer manifestação cultural, enraizada por anos em um determinado povo.
7. O povo.
8. Extinção da violência. Preservação da gentileza e cordialidade durante os ternos. Participação também nos festejos de cunho religioso.
9. É toda atividade realizada pelo povo onde questões religiosas e também culturais são cultuadas de forma harmoniosa.
10. Refere-se as Cabeçorras e Mandus? Se sim creio que apenas os Mandus possuem o mesmo sentido de antes.
11. Conscientização dos mais novos sobre a existência e importância cultural e histórica da festa.

Questionário 4

1. Margareth Rocha de Souza.
2. Não.
3. Sim participo somente da parte profana.
4. Costumo sair fantasiada, os ternos alternativos descaracterizam a festa, o ideal é que não perca a essência.
5. As Cabeçorras e os Mandus são figuras integrantes de todo o cortejo, e surgiram para satirizar os patrões e os donos de engenho. O Mandu é decorrente dos terreiros de candomblé e representam na mitologia yorubá os espíritos de Egum.
6. São costumes preservados e transmitidos que passam de geração em geração.
7. A participação do povo e sua criatividade.
8. Os roteiros dos embalos não devem mudar, não deve descaracterizar os ternos, nem os blocos com abada e a festa não deve ficar nas mãos de uma única pessoa.
9. É a forma de expressão de um povo de mostrar sua cultura como exemplo a capoeira.

10. Sim. Pois os personagens imaginários que fazem parte da memória do povo cachoeirano. Exemplo o Mandu representando o espírito de Egum.
11. A QUESTÃO NÃO FOI RESPONDIDA.

Questionário 5

1. Bethania Paixão Alves. Rua Julião Gomes, Cachoeira.
2. O terno da Alvorada é uma comemoração advinda da Festa de Santa Cecília. Os ternos surgiram quando os empregados que trabalhavam na casa de fumo participavam, porque seus donos patrocinavam sem distinção de classe.
3. Terno da Alvorada, Terno do Silêncio e Lavagem das Baianas.
4. Participo sim, todos são bastante criativos. Onde as pessoas se fantasiam com diversas sociedades e estilos.
5. Eles representam peças fundamentais da festa. Onde estão inseridos. O Mandu é decorrente do candomblé, representando o Egum.
6. É o que passa de geração em geração de uma família.
7. As famílias continuam mantendo essa festa.
8. A QUESTÃO NÃO FOI RESPONDIDA.
9. Maneiras de expor relações de cultura.
10. Sim, as representações são o sentido da festa.
11. Procurando meios de aumentar a representatividade cultural.

Questionário 6

1. Denise Santos, 27 anos, brasileira, Cachoeira Bahia.
2. Sim, os ternos surgiram a partir da tradição da lavagem da lenha.
3. Eu não participo só faço apreciar de longe.
4. Não participo. Mas eu penso que esses ternos são uma forma de arrecadar dinheiro e descaracterizam a festa, já que esses ternos saem fora do horário oficial da festa.
5. A Cabeçorra vem do carnaval europeu, e o Mandu é um espírito do candomblé.
6. Tradição é passar algo adiante que tenha importância para a sociedade.
7. Com certeza a população de Cachoeira.

8. Mais segurança e a sensibilidade de reconhecer a festa tanto sagrada quanto profana como significado social.
9. São as maneiras de representar algo que é importante para a comunidade.
10. Os personagens são o símbolo da festa, e servem para representar esse movimento cultural.
11. Ensinando e passando adiante a tradição da festa para que não se perca verdadeira raiz da tradição.

Questionário 7

1. Jessilda dos Santos, 36 anos, brasileira, Praça da Bandeira Cachoeira.
2. O terno é uma comemoração advinda da Festa de Santa Cecília, sendo a cidade de cachoeira uma zona industrial, concentrando várias fábricas de fumo na época, em que os empregados que trabalhavam nas fábricas participavam da festa porque os patrões patrocinavam a festa.
3. Atualmente não participo de nenhum deles, mas na adolescência participei algumas vezes do Terno da Alvorada.
4. Não participo, mas para mim eles são uma grande representação de alegria do povo cachoeirano.
5. O Mandu é uma representatividade de uma entidade do candomblé, e as Cabeçorras são um símbolo europeu.
6. Tradição é a transmissão de costume, memórias, lendas, crenças e ritos que passa de geração em geração.
7. Além do trabalho da Irmandade de Nossa Senhora D'Ajuda eu acredito que é a participação criativa do povo cachoeirano.
8. Eu acredito que a intensa participação da comunidade cachoeirana nos ritos religiosos e manifestações da Festa D'Ajuda não deixa de ser uma forma de perpetuação de um legado dessa tradição. Mas para, além disso, a comunidade pode se manifestar mais ativamente e tomar iniciativas para a festa ser mais fervorosa.
9. É toda a maneira de expor pensamentos relativos a cultura seja através de celebrações e rituais ou através da literatura, música, fotografia, filmagens e dança.

10. Tendo a parte profana da festa como uma conotação carnavalesca e todos os personagens que nela aparecem trazem um sentido muito particular para os cachoeiranos.
11. Além da transmissão oral, pode-se investir mais na divulgação escrita e quem sabe um local para a exposição como já tem a Boa Morte.

Questionário 8

1. Luiz Claudio dias do Nascimento, 61 anos, nacionalidade brasileira, residente à Rua Treze de Maio, Cachoeira, Bahia.
2. A programação semanal da festa d'Ajuda consistia em que cada dia dedicado para uma categoria profissional (comerciantes, comerciários, industriais, operários, funcionários públicos, etc). No dia dedicado a cada categoria estes se esforçavam para realizar a festa melhor que a da categoria anterior. Assim, além dos festejos religiosos que aconteciam dentro e no âmbito da igreja, organizavam festejos populares que aconteciam fora do âmbito da igreja, com desfiles de ternos, blocos, bailes e reuniões onde eram oferecidos banquetes, etc. Os ternos eram três músicos que acompanhavam os blocos que tinham denominações variadas ou realizavam autos: terno do acarajé, terno do papagai. O brilhantismo dos ternos dependia do número de participantes e da condição financeira da categoria profissional que o patrocinavam. No dia dos industriais fumageiros, por exemplo, as fábricas financiavam a organização dos ternos feitos pelos operários, observando-se que além de ternos organizados em Cachoeira vinham ternos de outras localidades próximas (Muritiba, São Felix, Cruz das Almas) onde haviam filiais. Os ternos eram organizados também nos terreiros de candomblé e por excluídos, tais como ternos formados por meretrizes.
3. Hoje em dia não existem ternos no modelo dos que havia até início da década de 1970. Até então, os blocos marcavam momentos significativos no último dia dos festejos populares, que invariavelmente acontecia em um dia de domingo. Nesse dia todos os ternos desfilavam e competiam reivindicando ser o mais organizado, rico e belo. Também havia a participação popular e a presença de caretas, mandus, cabeçorras, diabos, e outros brincantes fantasiados. Atualmente não há mais essa prática, limitando-se a uma massa humana que dançam atrás de

um grupo de músicos que tocam músicas denominadas chulas. Eu participo igual a todos: bêbado.

4. A QUESTÃO NÃO FOI RESPONDIDA.
5. O mandu origem nigeriana e representa o espírito ancestral, no candomblé denominado égum. Aliás, originalmente a presença do mandu na festa d'Ajuda tinha função afro religiosa, porque o mandu é uma entidade que se manifesta na rua e não pode ser reconhecido. Já a cabeçorra é um personagem europeu, inclusive muito recorrente no carnaval italiano hoje. No caso cachoeira, a cabeçorra personifica um senhor de engenho.
6. Entendo a tradição a partir de Erick Hobbsbawn: uma coisa inventada. A festa d'Ajuda resulta de uma invenção com data e objetivos específicos.
7. A QUESTÃO NÃO FOI RESPONDIDA.
8. Certamente as ações que devem ser empreendidas pelos cachoeiranos para a manutenção da festa é, primeiro, conhecê-la historicamente, conhecer a sua performance e, segundo, impedir que elementos não tradicionalmente praticados sejam inseridos, a exemplo de blocos no modelo dos blocos carnavalescos soteropolitanos e a introdução de aparatos sonoros que lembrem ou se aproximem dos aparatos de trio elétricos. A manutenção das músicas é importante, assim como os personagens que persistem, como os caretas, diabos, etc.
9. É difícil explicar o que é uma manifestação cultural porque é difícil definir o que é cultura. Superficialmente posso entender uma, manifestação cultural como alguma coisa que quando se manifesta, ou ocorre, impõe uma reação de identificação coletiva, que faz parte de um repertório que foi legado, que persiste no tempo e é eventualmente repetido.
10. Parece que elementos estranhos à tradição da festa são sintomas de que os personagens da festa não ocupam o mesmo sentido para os cachoeiranos. Os personagens que antes tinham significado simbólico afro religioso hoje têm sentido meramente estilístico, estético. Daí o observador se deparar com uma 'nêga maluca' muito sensual e com vestuário 'da moda', quando a nega maluca comunica outra coisa, assim acontece com os demais personagens.
11. Certamente a integridade da festa ocorrerá com pesquisas, recuperação de elementos não perdidos, mas não utilizados porque não há motivação e incentivo.

Questionário 9

1. Edson Rubem Ivo de Santana, médico, brasileiro, 89 anos, residente na Rua Ana Nery nº54, Cachoeira Bahia.
2. Isso representa uma iniciativa que reflete o desejo popular de preservar essa manifestação tão cara para a sociedade cachoeirana. A programação da festa seguia o mesmo modelo das outras festas religiosas católicas, cada dia era destinado a um segmento da sociedade e era esse segmento que se incumbia de realizar as atividades festivas daquele dia.
3. Apenas observador. Nunca participei dos ternos.
4. Minhas percepções são muito vagas de como eram os ternos. Confesso que minha participação era eventual e vista da janela da minha residência. Lembro que havia muitos grupos, cada um com suas indumentárias e número de participantes. Lembro também que eram pessoas simples, trabalhadoras, que realizavam suas manifestações de forma muito alegre.
5. Até onde sei, a cabeçorra surgiu como uma forma de satirizar os portugueses, colonizadores. Já o mandu, desconheço a origem, embora reconheça ser muito interessante vê-lo na festa.
6. Entendo a tradição como algo que foi e é passado de geração a geração, sendo considerada digna de ser preservada pelas novas gerações.
7. Provavelmente a festa D’Ajuda persistiu com suas características até os dias atuais porque cachoeira se manteve por longo tempo fora do processo de desenvolvimento que ocorreu na zona do Recôncavo baiano desde a década de 50. Além disso, a festa é muito bonita e singular, o que atrai a atenção e a participação de pessoas de diversas idades, profissões, etc.
8. Existem iniciativas organizadas no sentido de manter as características da festa. Sabe-se que ela se encontra em processo de reconhecimento como patrimônio imaterial baiano.
9. Entendo que cultura é o que o homem constrói e elabora para si e para os outros, como formas de viver, a arte, a culinária, o modo de vestir, sepultar os mortos, etc. Entendo manifestação cultural como uma forma do homem se expressar: seja através de celebrações das mais diversas formas, como por exemplo, a festa D’Ajuda e sua faceta religiosa e profana.

10. Parece-me que os elementos considerados estranhos ou não tradicionais na festa podem ser consideradas normais porque ela sofreu mudanças no decorrer do tempo. Preocupa a comunidade a introdução de elementos carnavalescos, visto que a festa não é uma manifestação momesca.
11. Algumas iniciativas voluntárias de registrar historicamente a festa, realizadas por cachoeiranos, é uma comprovação de que uma das formas de entendê-las e perpetuá-la são os trabalhos de pesquisa, registrando imagens e músicas. A tecnologia e os meios de comunicação ajudam a divulgar a beleza da festa.

Questionário 10

1. Iraci Falcão de Santana.
2. Não sei, falta de informação.
3. Já participei de um terno de Cigana e outro que o saudoso Augusto Regis que trabalhava no Turismo organizou com uma linda orquestra de Salvador o nome era cada ano sai pior.
4. Algumas vezes já, hoje não mais participo, quando Augusto Regis tinha informação somente da fantasia, mas, faltava informação na Comunidade para saber a origem da festa.
5. Só sei que há anos que eles participam, mas sem informações.
6. Desde os primórdios passado via oral e expressões como dança canto, contos e mitos, posteriormente passou via oral para ser escrita e através de mídias.
7. A espontaneidade do povo de Cachoeira que mantém está festa viva.
8. Participar ativamente da organização da Festa d'Ajuda e dá sugestões para melhoria na organização, principalmente nas ruas onde deveria passar os ternos, uma sugestão relevante é a não introdução da modernização como abadás e som com carros bem alto acompanhando manter as tradições como o Cabeçorra, Mandu e Caretas.
9. É a expressão de um povo dos seus costumes ancestrais. Sendo específica a trajetória da Festa d'Ajuda é um bom exemplo de manifestações culturais na qual o povo vai às ruas inconscientemente, festejando a libertação dos escravos. Vale lembrar que a Igreja é dividida em 2 partes que antes era a interna pra brancos e fora para escravos.

10. Em parte. Houve muitas modificações durante muito tempo descaracterizando a festa, muito pouco aparece alguns ternos tradicionais durante os 15 dias da Festa. Como terno da Lenha, terno das Cozinheiras e das crianças com fantasias caretas, Cabeçorra, Mandu, etc. Os ternos do dia da festa as 5 horas da manhã aparece algumas coisas mais tradicionais.
11. Buscando o passado, os conhecimentos das tradições nas Escolas, Faculdades e seguimentos filantrópicos da comunidade, Maçonaria, Rotary e outros.